

## Recordar um escritor: 150 anos da morte de Júlio Dinis

Ana Cláudia Boavida Salgueiro da Silva<sup>1</sup>

Passados 150 anos da morte de Júlio Dinis, pseudónimo literário de Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839-1871), cumpre recordar o escritor e a sua obra. Vasta, multifacetada e objetivamente otimista, a obra dinisiana reflete a personalidade deste autor, que visa transmitir uma mensagem edificante, a qual começa a ser difundida na sociedade portuguesa no século XIX:

Embora pretendesse um mundo real e concreto, com factos do quotidiano, o leitor parecia não perdoar a ausência de uma dourada justiça e de uma merecida recompensa, numa palavra, de um epílogo feliz. O que lhe faltava na vida real podia-lhe ser distribuído pelo mundo dos livros. Uma espécie de compensação actuava como o bálsamo que devia estar obrigatoriamente patente na ficção (CRUZ, [1974] 2002, p. 143).

Na verdade, em plena época oitocentista, como jovem médico, Coelho elabora um conjunto de romances que se distinguem logo no quadro da literatura portuguesa pela originalidade da sua ficção; o autor consegue que o seu nome se torne sinónimo de sucesso. Inspirado pelos novos ideais liberais, tendentes ao equilíbrio da sociedade, Júlio Dinis estabelece a conexão entre realidade e ficção, como sucede n’*A morgadinha dos canaviais* (1868), *Uma família inglesa* (1868) e *Os fidalgos da Casa Mourisca* (1871), em que divulga as ideias modernas de Oitocentos. Referimo-nos, por exemplo, à decisão emancipada da protagonista em escolher o seu par para casar; à união matrimonial entre indivíduos de nacionalidade, categoria social e religião distintas ou ainda à questão debatida na época acerca da propriedade rural.

Não obstante o facto de *As pupilas do senhor reitor* (1867) ser o romance dinisiano mais popular e conhecido, iremos fazer uma abordagem sobre a receção dos três romances supracitados, uma vez que esta narrativa já foi analisada num outro artigo, intitulado “‘As pupilas do senhor reitor’ de Júlio Dinis: um sucesso com 150 anos” e datado de 2018<sup>2</sup>.

Com efeito, a obra literária de Júlio Dinis constitui, como o próprio autor refere, um *instrumento* (DINIS, s.d., p. 553), capaz de veicular valores, ideias e saberes

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura pela Universidade de Évora, Évora, Portugal. Orcid: 0000-0002-6860-2759. E-mail: anabssilva@gmail.com

<sup>2</sup> SILVA, Ana Salgueiro da. ‘As Pupilas do Senhor Reitor’ de Júlio Dinis: um sucesso com 150 anos. *Colóquio/Letras*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 198, p. 199-207, maio/agosto 2018.

acessíveis a todo o tipo de leitores que nela veem representados indivíduos, vivências e acontecimentos da época coeva. Por isso, os livros precisam de ser populares, escritos na linguagem comum, pelo que, dada a autenticidade e a naturalidade presentes na obra dinisiana, os leitores conseguem identificar-se e reconhecer o que é narrado, facto que contribui para a expressiva popularidade que estes romances alcançam.

Efetivamente, a produção romanesca do autor põe em destaque todos os estratos da sociedade, valorizando as massas populares, por ver nelas, não só a base de produtividade e de desenvolvimento do país, mas também porque considera o povo um protótipo exemplar de comportamentos e de princípios que mantém viva a genuinidade nacional, ao mesmo tempo que preserva as tradições mais antigas. Neste sentido, o propósito da obra romanesca de Júlio Dinis consiste em reconstruir esses modelos, numa tentativa de regeneração dos costumes, os quais se foram perdendo ao longo do tempo.

Para que tal desiderato fosse concretizável, o autor enaltece a representação dos sentimentos, em particular, do amor realizado no casamento, enfatizando o poder das afeições e salientando que é possível viver em harmonia através da mobilidade entre elementos de diferentes classes sociais, cuja conceção atinge um acentuado êxito pelos pressupostos que defende e pela viabilidade de concretização real.

À semelhança do que acontece com *As pupilas do senhor reitor*, os restantes romances de Júlio Dinis revelam também destacada recetividade, alcançando uma notável popularidade pelos aspetos inovadores que apresentam:

Gomes Coelho, porém, não escreveu só o livro *As pupilas do senhor reitor*. Outros tem feito e em todos o talento para a descrição, o espirito observador, a despretenção, a frescura do colorido, a fluencia do estylo, o despreoccupado da imaginação, a naturalidade do lyrismo são qualidades características (CORDEIRO, 1869, p. 236).

Na verdade, a narrativa dinisiana desperta o interesse e o gosto do público-leitor, não só pela novidade estética, baseada na descrição pormenorizada de personagens e de ambientes, mas também no diálogo expressivo, estabelecido entre os diferentes intervenientes, permitindo a caracterização particularizada de indivíduos e de espaços, identificáveis com a realidade contemporânea. Além disso, o escritor cria um contacto muito próximo com os leitores<sup>3</sup>, através da coloquialidade a que recorre, o que

---

<sup>3</sup> De acordo com Guilherme Braga (1872, p. 362), “Júlio Dinis mostrava isso tudo ao leitor, que se enamorava do quadro, que nele se embebia suavemente, que se deixava ir, em espírito, àqueles sítios deleitosos e amenos, consolidando assim entre os dois, leitor e autor, uma afeição realmente sincera”.

confere naturalidade à narração e estabelece uma complementaridade entre personagens, espaços e acontecimentos, tornando a intriga uma unidade coesa e coerente.

Deste modo, os textos dinisianos constituem-se como um todo estrutural, construído sob a reiteração de elementos que ligam e sustentam os diferentes episódios e, por conseguinte, o desenrolar da intriga, graças ao encadeamento das diversas sequências, as quais concedem legibilidade ao alcance da competência narrativa dos leitores, permitindo-lhes compreender o que é narrado.

Caracterizado pela extensão, pelo movimento, pela sucessão e diversidade de elementos que constroem a diegese – personagens, espaço, tempo e ação –, o romance forma uma unidade de eixos semânticos que regem a construção da narrativa e que assumem um papel significativo. A narrativa desenvolve-se, pois, tendo em consideração a curiosidade dos leitores, pelo que, citando Carlos Reis e Ana Cristina Lopes:

é óbvio que o *incipit* terá em conta a necessidade de suscitar esse interesse, mesmo que para tal seja necessário facultar previamente informações mais propriamente surpreendentes do que relevantes [...]. O *incipit*, sobretudo no romance do século XIX, constitui o lugar canónico de apresentação dos componentes fundamentais da *história* (REIS, LOPES, [1987], 2011, p.201).

Por esta razão, o começo dos romances é crucial, fornecendo informações importantes para cativar o interesse dos recetores que desejam saber a continuação dos eventos, conhecer melhor as personagens, a sua interioridade, sentimentos e as relações que se vão criando, devendo existir uma relação equilibrada entre o *incipit* e “a fronteira final do texto – o *explicit*” (REIS, LOPES, 2011, p. 202).

Como tal, os romances de Júlio Dinis configuram uma sequência de acontecimentos encadeados que enfatizam o quotidiano, os hábitos e os costumes portugueses, quer rurais, quer citadinos, dando evidência ao indivíduo e à sua relação com os outros, nomeadamente, os seus relacionamentos familiares, amorosos e sociais.

Os textos dinisianos constituem, assim, documentos históricos, dada a representação da sociedade de Oitocentos, mas são, igualmente, documentos humanos que se apresentam como testemunhos vivos, onde reluzem os valores da virtude e do bem, na época marcada pela estabilidade e pelo progresso da “Regeneração”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A Regeneração ocorre em Portugal, entre 1851 e 1868, e, durante este período, o país assiste à expansão industrial, financeira e mercantil.

É, portanto, esta nova estrutura romanesca (na qual sobressai a representação do amor conjugal<sup>5</sup> e a apresentação de temas, problemas, inquietações e desejos coetâneos, bem como a descentralização dos meios urbanos para os ambientes preferencialmente rurais) que capta a atenção do público, convidando-o a introduzir-se na ficção e a vivenciar a ação.

Estes são, assim, os princípios em que assenta a matriz diegética de *A morgadinha dos canaviais*, *Uma família inglesa* e *Os fidalgos da Casa Mourisca*. Tal como *As pupilas do senhor reitor*, estas narrativas são apresentadas, numa primeira fase, em folhetins, à exceção de *Os fidalgos da Casa Mourisca*, que o romancista não acaba de rever.

No que diz respeito ao romance *A morgadinha dos canaviais*, a ação centra-se na regeneração do jovem Henrique, que se desloca para o campo, a fim de se restabelecer do tédio do meio citadino. Ali, apaixona-se por Madalena (a morgadinha dos canaviais), apercebendo-se, pouco tempo depois, que se tratara de uma mera ilusão e que o seu coração passaria a pertencer a Cristina, prima de Madalena.

Nesta narrativa, sobressai o papel inovador da mulher, representado na figura da morgadinha que assume a sua singularidade e identidade, ao revelar-se determinada e cuja ação se coaduna com os valores da sociedade liberal da segunda metade do século XIX: à função de esposa e de mãe, inserida na família, como suporte de manutenção e de evolução social, acresce uma maior participação na sociedade; tal resulta do protagonismo feminino, concretizado através da conquista de direitos advenientes da alteração de mentalidades, possibilitando, deste modo, a união entre Madalena e o jovem mestre-escola Augusto, por si livremente escolhido como respetivo cônjuge.

Na opinião de Reis Dâmaso (1883/1884, p. 516), “na MORGADINHA DOS CANAVIAES, Julio Diniz passa novamente a observar os costumes pittorescos da aldeia, aprofunda os caracteres e apossa-se d’elles, dando-nos essas paginas admiraveis pelo colorido e pelo sentimento”.

Em articulação com o enredo amoroso, são apresentados conflitos, provocados pelo conservadorismo da população rural e que remetem para as inovações

---

<sup>5</sup> “Gehört die Diniz’sche Liebe nur zu den ‘sentimentos sinceros e generosos’ [...]. Der ‘sinceridade’ allein gebührt der Sieg; die dem Glückstrieb des Herzens sich entgegenstellende Formen-und Formelwelt wird durch [...]. Dies erfordert jedoch Kampf, dem seine Kraft aus der Opferbereitschaft dieser Liebe erwächst” (WOISCHNIK, 1940, p. 79). Tradução nossa: “O amor em Diniz pertence apenas aos “sentimentos sinceros e generosos” [...]. A vitória pertence apenas à “sinceridade”; as formas e as fórmulas, que contrapõem a felicidade do coração, serão superadas [...]. No entanto, isto exige luta, cuja força cresce com o sacrifício deste amor”.

implementadas pela política fontista, através da abolição dos morgadios, da venda de bens nacionais, da construção de estradas e da proibição de enterros nas igrejas. Estas mudanças refletem a conjuntura política, social e religiosa da época, a que Júlio Dinis não é alheio e que espelha o contraste, não só entre campo e cidade, mas também entre tradição e modernidade.

Nas palavras do autor, “todas as personagens e episódios nele [romance *A morgadinha dos canaviais*] introduzidos estão ligados por interesses comuns e subordinados a uma ideia principal. Essa é a unidade que eu procuro sempre realizar” (DINIS, s.d., p. 535).

Aliás, Eça de Queirós ([1929] 1973, p. 181) afirma relativamente a este romance: “*A morgadinha dos canaviais* [é] um romance, feito pelo talento delicado e paciente de Júlio Dinis, o artista que entre nós mais importância deu à realidade”. É evidente a observação minuciosa de Júlio Dinis sobre pessoas, costumes e lugares, enfim, sobre a realidade contemporânea, o que conquista o público, pouco habituado a rever-se nas narrativas divulgadas na época:

Subitamente surgiu entre nós um grupo de romancistas que escreviam, em geral, obras complicadas e repletas de múltiplas peripécias. Os acontecimentos sucediam-se a cada passo e as histórias narradas desenvolviam-se num mundo estranho e longínquo, se não inverosímil [...]. A vida quotidiana não se reflectia nas narrativas e o herói surgia, frequentemente, como um ser fabuloso e distante que nada tinha a ver com o homem normal e comum (CRUZ, [1974] 2002, p. 153).

Pelo contrário, a obra dinisiana rompe com a inverosimilhança dos cânones e dos esquemas tradicionais, atribuindo autenticidade às personagens e qualidades aos espaços, realçando simultaneamente a moralidade e os bons sentimentos, de cujas particularidades decorre também o sucesso deste romance, expresso no número de edições: em 1900, *A morgadinha dos canaviais* atinge as nove edições e catorze mil exemplares, o que confirma a receptividade dos leitores.

Além disso, foi feita a adaptação cinematográfica deste romance por Caetano Bonucci, em 1949; a adaptação televisiva, em 1990, para uma minissérie da RTP e a adaptação teatral inglesa de Alice de Sousa, datada de 2005 – *The heiress of cane field*.

No que diz respeito a traduções, podemos referir a edição espanhola *La mayorazga de los cañaverales* (1925), sendo que, segundo João Gaspar Simões (1969, p. 155), *A morgadinha dos canaviais* é, claramente, a “obra mais completa, mais

verdadeira, mais vibrante da realidade íntima e de verdade ambiente [que] ainda se não dera à estampa em Portugal”.

Relativamente a *Uma família inglesa*, a diegese centra-se na história de uma família de ingleses, instalada na cidade do Porto. A ação evolui através da digressão pelos diferentes espaços portuenses, a par da intriga romanesca entre Cecília (filha do guarda-livros da firma inglesa) e Carlos (filho do dono da referida empresa), destacando-se a superação de preconceitos socioeconómicos e de nacionalidade, resultante do casamento entre estes jovens.

Mercê da apresentação de uma comunidade conhecível (o ambiente da cidade do Porto), os valores da burguesia crescente e bem-sucedida estão claramente explícitos, neste romance, constituindo fatores decorrentes da iniciativa e do empreendedorismo, promotores do crescimento económico do país. Simultaneamente, exalta-se o valor do trabalho, como catalisador de progresso, e a família, como geradora de estabilidade e de harmonização individual e coletiva.

Estudando “através duma acção singela mas empolgante, os costumes patriarcais dos comerciantes ingleses do Pôrto” (PERES, 1935, p. 701), esta narrativa põe em evidência a interação entre ambiente comercial e ambiente familiar – este último caracterizado pela intimidade, pelo recolhimento e pelo respeito dos valores ligados à família. Estas especificidades promovem o progresso da sociedade pelo equilíbrio estabelecido, que é igualmente descrito nos outros romances de Júlio Dinis: “Passando a lermos UMA FAMILIA INGLEZA vemos o mesmo observador n’um outro meio social, a mesma delicadeza dos traços e o mesmo mimo descritivo” (DÂMASO, 1883/1884, p. 514).

Com efeito, a observação é a base das narrativas dinisianas, que permite a apresentação detalhada dos caracteres, dos ambientes e das situações, proporcionando uma exploração minuciosa que agrada aos leitores.

Tal como acontece em toda a obra romanesca de Júlio Dinis, estão patentes, neste caso, contrastes entre gerações: Mr. Richard, a típica figura do inglês do século XIX, austero e pragmático, e o filho Carlos, um jovem algo imprudente e impulsivo que, todavia, consegue recuperar a sua nobreza moral.

Uma outra oposição é a que se verifica entre Manuel Quintino, o guarda-livros tradicional, organizado e metucioso, e, mais uma vez, Carlos, o qual, encontrando-se integrado no meio profissional, imprime modernidade aos negócios, ao defender

princípios que começam a ser divulgados em Portugal e que fomentam o desenvolvimento da empresa da família Whitestone.

Recuperando as palavras de Óscar Lopes (1979, p. 14-15), “Júlio Dinis romanceia, não apenas o enlace do *home* burguês britânico do Oeste portuense com o lar do seu modesto guarda-livros, como toda a vida nortenha, vista do ângulo de uma pequena burguesia muito confiante no progresso liberal”.

A receção do público-leitor manifesta-se, de novo, no número de edições: nove edições e dezesseis mil exemplares vendidos até 1900, não existindo, no entanto, adaptações para cinema nem para televisão, uma vez que se trata de um romance “com uma estrutura mais complexa, uma factura mais intrincada e abordando campos até então pouco aprofundados, como o da análise psicológica” (CRUZ, 2002, p. 156). Elementos estes de carácter mais íntimo, relacionados com a interioridade das personagens e, como tal, mais difíceis de representar na tela. Conhece-se, a nível de traduções, a existência da edição espanhola de 1926: *Una familia inglesa*.

Homem culto e interessado numa renovação nacional, Júlio Dinis segue, com interesse e com entusiasmo, os progressos técnicos e a evolução social europeia, em particular da Inglaterra, que considera o paradigma do desenvolvimento e da prosperidade e que o escritor deseja ver aplicados à sociedade portuguesa de Oitocentos.

No que concerne ao último romance dinisiano, *Os fidalgos da Casa Mourisca*, é dada ênfase à oposição entre a aristocracia decadente e a burguesia ascendente, respetivamente representadas pelos fidalgos da Casa Mourisca e pelo lavrador Tomé da Póvoa. A intriga revela uma sociedade em mudança, reafirmando-se o enaltecimento do trabalho como fonte de riqueza e de felicidade, ambas propícias à regeneração social e que conduzem à fusão das duas classes referidas: o casamento entre Jorge, o jovem fidalgo empreendedor, trabalhador e dinâmico, e Berta, a filha de Tomé, cujas características principais são a bondade, a delicadeza e a dedicação à família.

Entrelaçados os caminhos do amor com os da sociedade, a narrativa enfatiza o valor da terra como meio de dignificação do indivíduo, contribuindo para a sua riqueza pessoal e familiar, assim como para a evolução do país através do incremento dado à agricultura – base do sustento económico. Tal mérito é recompensado pela obtenção da harmonia e da felicidade conjugais, intimamente relacionadas com a atividade laboriosa. Está, por conseguinte, “completamente photographada [n’*Os fidalgos da Casa Mourisca*] a índole do romance moderno que os ingleses adjectivam de sociológico” (PIMENTEL, 1872, p. 33).

Na verdade, este romance evidencia o confronto entre passado e presente, configurados na degradação da Casa Mourisca (os fidalgos, simbolizando a ligação com as raízes tradicionais) e na prosperidade da Herdade (o lavrador Tomé, representando a atualidade, a vida ativa e o trabalho honrado).

De facto, as transformações que ocorrem no país, no sentido da modernidade, vão sendo desenvolvidas, gradualmente, não só a nível da agricultura com a implementação de inovações neste âmbito, mas também a nível de conduta e de mentalidades: passam a ser aceites as uniões matrimoniais entre elementos de classes sociais diferenciadas, dado que o presente desconstrói preconceitos, anteriormente convencionados e impeditivos da realização do amor no casamento.

O êxito d’*Os Fidalgos da Casa Mourisca* é, assim, ilustrado pelas oito edições e pelos treze mil exemplares publicados até 1900, sendo, igualmente, exemplificativas desse sucesso a adaptação para teatro, realizada por Carlos Borges – drama em cinco atos, datado de 1890, – e a adaptação em quatro atos de Robles Monteiro, em 1939.

De realçar a adaptação cinematográfica, em 1920, por Georges Pallu, e que “averbou para a «Invicta» um enorme êxito comercial e artístico” (COSTA, 1971), sendo que, em 1938, Arthur Duarte realiza um filme, distribuído em Portugal e no Brasil, onde conquista acentuada popularidade.

Destaque também para a adaptação televisiva com a elaboração de uma telenovela brasileira, em 1972, e ainda para a tradução em inglês – *The fidalgos of Casa Mourisca* (1891) e em espanhol – *Los hidalgos de la Casa Morisca* (1923).

Desta forma, podemos afirmar que os romances de Júlio Dinis demonstram qualidades inovadoras que lhes conferem sucesso, ao representarem temas atuais e indicadores das mudanças profundas ocorridas na sociedade portuguesa do século XIX, interessando os leitores através de parâmetros narrativos que despertam a sua curiosidade. Graças às soluções encontradas e que assentam na concretização de um final feliz, estes romances apontam para uma melhor vivência da humanidade, sendo “obras que se lêem sempre com encanto, e se voltam a ler com o mesmo interesse da primeira vez” (CARVALHO, 1965, p. 183).

Segundo o próprio autor, numa das “Notas”, inseridas no volume *Inéditos e Esparsos*,

os romances de costumes, bem compreendidos, pintando a maneira de viver e o pensar comum dos povos, sobre serem de irresistível interesse para a actualidade e os que mais prontamente adquirem os tão disputados foros de popularidade, são mina preciosa para o estudo da época fornecida aos



vindouros. Se as idades passadas da nossa literatura cultivassem o género, importante subsídio colheriam nele os historiadores, que tanto se queixam da aridez das crónicas e dos escritos literários desses tempos (DINIS, s.d., p. 536).

Aliás, os romances dinisianos constituem-se como a obra de ficção adaptada ao cinema o maior número de vezes, o que confirma a recetividade destas narrativas. Citando Ana Rita Navarro (1999, p. 448),

nem Eça de Queirós, nem Camilo Castelo Branco, para falar apenas de dois romancistas da época de Júlio Dinis, conheceram tão larga divulgação na tela. O autor de *As pupilas* foi, na verdade, o romancista português que suscitou o maior número de adaptações cinematográficas da sua obra de ficção. Foram nada menos do que seis, as fitas realizadas a partir dos romances que escreveu.

Ao apresentar intrigas relevantes e diferenciadoras, revelando a realidade contemporânea, a defesa da moralidade e a autenticidade dos indivíduos, a produção literária de Júlio Dinis é objeto de uma viva recetividade e popularidade: “[Os romances dinisianos] dão-nos uma impressão nitida de paisagem sem esforço [...]. Os seus personagens não vivem n’uma esfera abstracta, ou suspensos das nuvens; pousam na terra, pisam-a” (COSTA, 1891, p. 208).

O impacto positivo destes romances decorre, pois, da veracidade inscrita na ação, nas personagens, nos espaços e na época descritos, categorias que se assumem como meios privilegiados de ideias que se perpetuam e cuja estrutura romanescas representa “a mais alta expressão do seu talento” (SAMPAIO, 1942, p. 267), merecendo o reconhecimento dos leitores<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Como prova da popularidade dos romances dinisianos e do próprio autor, referem-se, a título de curiosidade, algumas homenagens, feitas ao longo do tempo. Indicamos, por exemplo, a edificação de uma estátua do romancista (1926), situada no largo da Faculdade de Medicina do Porto, composta pelo busto de Júlio Dinis; uma figura de mulher (profundamente enaltecida nos seus romances), que o coroa com uma grinalda de rosas, como símbolo de amor puro e total; e um baixo relevo que representa a leitura de um livro do autor num serão de família (como valorização da intimidade e do convívio familiares), sendo que Júlio Dinis é considerado “um sublime creador de beleza moral, um incomparavel educador [...], porque, digam o que disserem pessimistas e scepticos, a bondade é communicativa e eterna” (“A inauguração do monumento a Julio Diniz”, 1926). Além deste reconhecimento, foi criada uma medalha comemorativa da Maternidade Júlio Dinis no Porto (1926); comemorou-se o primeiro centenário do nascimento do escritor através de uma exposição bíbio-iconográfica e de conferências realizadas no Palácio de Cristal (1939), assim como do 150º aniversário, com a realização de palestras e uma exposição na Biblioteca Pública Municipal do Porto (1989). Em Ovar, localidade onde Júlio Dinis permaneceu durante algum tempo, foi construído um busto do autor, inaugurado, em 1966, pelo Presidente da República, Américo Thomaz. Foi, igualmente, feita a recuperação da casa típica vareira, onde o romancista habitou e que foi considerada imóvel de interesse público, em 1984, por despacho no Diário da República, tornando-se museu. O museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, restaurado em 2012, pela Câmara Municipal de Ovar, tem como objetivo valorizar a passagem do escritor por Ovar, salientando a influência que esse período teve na criação da sua obra literária. Segundo o presidente da Câmara Municipal de Ovar na altura, Manuel Alves de Oliveira (2012, p. 1), “Ovar e as suas gentes influenciaram a obra literária de Júlio Dinis, um dos autores clássicos de referência na história da literatura portuguesa,

Subscrevendo as palavras de José Jorge Letria (1989, p.13), “Júlio Dinis tinha engenho e arte, sabia como se urdia um enredo romanesco, como se construía uma personagem e se descrevia uma situação”, contemplando todos os géneros literários e de que o periódico *Notícias de Ovar* dá conta a 27 de setembro de 1962, através de um soneto de Manuel Mentarfa, poeta vareiro:

Quando *As pupilas do senhor reitor*,  
Surgiram em novela e nos jornais,  
Firmava-se entre os sábios imortais  
Um grande romancista, um escritor!  
Um lírico, cantando com primor,  
As belas poesias, divinais  
*A morgadinha dos canaviais*,  
E *Uma família inglesa* – tudo amor!  
Poeta da ternura, em sorte arisca,  
O estro se murchou, qual flor de lis  
*Sobre Os fidalgos da Casa Mourisca!*  
Mas dos *Serões da província* à raiz  
Do mundo cultural, em sua risca,  
Jamais se olvidará Júlio Dinis! (MENTARFA, 1962, p.1)

Por ser necessário reorganizar mentalidades e comportamentos, Júlio Dinis veicula a noção de que a sociedade pode rejuvenescer e progredir com ideias novas, com indivíduos felizes e capazes de alterar o rumo monótono e passivo em que Portugal se encontrava, marcando “uma nova época de regeneração na história contemporânea da nossa literatura” (BRAGA, 1868, p. 1).

Com efeito, a obra dinisiana tem como finalidade demonstrar a validade de uma versão do mundo, alicerçada numa perspetiva progressista e humanista da sociedade portuguesa, destacando o amor consolidado no casamento e cuja solução, tida como a “proposta de que, [...], é apesar de tudo possível acreditar na hipótese de um futuro construído por consenso social das partes envolvidas” (BUESCU, 1998, p. 145), permite a construção de uma visão edificante que enaltece a sensibilidade portuguesa, cativando o público-leitor que se identifica com a emocionalidade descrita.

---

contribuindo para a criação de algumas das suas personagens. Impõe-se-nos, então, a preservação dos valores legados, como elementos fundamentais da memória coletiva da nossa comunidade”.

É, pois, graças a esta dimensão mais luminosa como Júlio Dinis observa a vida e a literatura que conseguimos ver, na sua obra romanesca, como as personagens se movimentam entre as classes sociais, como os preconceitos podem ser ultrapassados, privilegiando-se a ética moral, o equilíbrio psicossocial e a verdade literária.

Pintor da realidade, Júlio Dinis propõe aos leitores um novo modo de olhar o ser humano, a sua psicologia, a sua interioridade, abrindo caminho a novas formas de expressão, que nos fazem

saborea[r] os encantos da vida quotidiana, familiar e simples, sem ênfases nem dramas [...]. Ah! Com esta gente boa e tão tipicamente portuguesa, tão afável e acolhedora, tão semelhante à paisagem, como um filho aos pais, com este barro humano, bem se podiam moldar novos tipos dum romance de Júlio Dinis. Falta-nos porém o talento do romancista; falta-nos a inspiração bucólica; falta-nos disposição e tempo (CORTESÃO, [1966] 1995, p. 159; 162).

## Referências

- BRAGA, Guilherme. “Estudos sobre critica litteraria: os romances de Júlio Diniz”. *Jornal do Porto*, Porto, n. 220, p. 1, 26 setembro 1868.
- BRAGA, Guilherme. “Júlio Dinis”. *O Tripeiro*, Porto, v. VI, n. 12, p. 359-362, 1872.
- BUESCU, Helena Carvalhão. “A casa e a encenação do mundo: *Os fidalgos da Casa Mourisca*” de Júlio Dinis. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Coimbra, n. 1, p. 139-148, 1998.
- CARVALHO, José Gonçalo. *Os grandes escritores portugueses*. Lisboa: Ministério de Educação Nacional/Direção Geral do Ensino Primário, 1965.
- CORDEIRO, Luciano. *Livro de crítica: arte e litteratura portugueza d’hoje*. Porto: Typographia Lusitana, 1869.
- CORTESÃO, Jaime. *Portugal: a terra e o homem*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, [1966] 1995.
- COSTA, Alves. “A “sua” presença no cinema português”. *Suplemento cultura e arte de «O Comércio do Porto»*, Porto, ano 20, n. 21, 1971.
- COSTA, Fernandes. “Julio Diniz”. *Revista illustrada*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 208-209, 30 setembro 1891.
- CRUZ, Liberto. *Júlio Dinis: biografia*. Lisboa: Quetzal Editores, [1974] 2002.
- DÂMASO, Reis. “Julio Diniz e o naturalismo”. *Revista de Estudos Livres*, Lisboa, p. 511-519, 1883/1884.
- DINIS, Júlio. *Obras de Júlio Dinis, vol. II – Inéditos e Esparsos*. Porto: Lello & Irmão Editores, s.d.
- LETRIA, José Jorge. “Longe do gosto, perto do coração”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n. 384, 1989.
- LOPES, Óscar. *História literária do Porto*. Porto: Leitura Arte, 1979.
- MENTARFA, Manuel. “Júlio Dinis (À Plêiade Dinisiana)”. *Notícias de Ovar*, Ovar, n. 733, p. 1, 27 de setembro de 1962.
- NAVARRO, Ana Rita. *Da personagem romanesca à personagem fílmica: As pupilas do senhor reitor*. Tese em Estudos Portugueses, Universidade Aberta, 1999.
- OLIVEIRA, Manuel Alves de. *Folheto museu Júlio Dinis: uma casa ovarense – Introdução*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 2012.

- PERES, Damião. *História de Portugal*, vol. VII. Barcelos: Portucalense Editora, 1935.
- PIMENTEL, Alberto. *Esboço biographico de Julio Diniz*. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1872.
- QUEIRÓS, Eça de. *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas – idealismo e realismo*. Porto: Lello & Irmão Editores, [1929] 1973.
- REDAÇÃO. “A inauguração do monumento a Julio Diniz”. *O Comércio do Porto*, Porto, 2 dezembro 1926.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, [1987] 2011.
- SAMPAIO, Albino Forjaz. *História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1942.
- SIMÕES, João Gaspar. *História do romance português*, vol. II. Lisboa: Estúdios Cor, 1969.
- WOISCHNIK, Hanns. *Júlio Diniz als Romandichter und Liebespsychologe*. 1940. Tese de Doutoramento. Faculdade de Filosofia da Universidade de Colónia, 1940.

Recebido em 8 de setembro de 2021.

Aprovado em 12 de novembro de 2022.

## Resumo/Abstract

### Recordar um escritor: 150 anos da morte de Júlio Dinis

Ana Cláudia Boavida Salgueiro da Silva

No ano em que se comemoram 150 anos da morte de Júlio Dinis (1839-1871), o presente artigo tem como objetivo homenagear o autor portuense. Vasta, multifacetada e objetivamente otimista, a obra dinisiana reflete a personalidade do autor, que visa transmitir uma mensagem edificante, a qual consiste numa versão progressista da sociedade portuguesa, destacando-se o amor consolidado no casamento como fator promotor do desenvolvimento individual e coletivo. Graças a esta dimensão humanista, os romances de Júlio Dinis alcançam um notável êxito, despertando o interesse e o gosto do público-leitor, que se identifica com as personagens e com as ações narradas.

**Palavras-chave:** 150 anos, Júlio Dinis, romances, êxito.

### Remember a Writer: 150 years of the Death of Júlio Dinis

Ana Cláudia Boavida Salgueiro da Silva

150 years after the death of Júlio Dinis (1839-1871), this article aims to pay homage to the Porto author. Vast, multifaceted, and objectively optimistic, the Dinisian work reflects the personality of the author and conveys an edifying message consisting of a progressive version of Portuguese society. This highlights the love consolidated in marriage as a factor that promotes individual and collective development. Thanks to this humanist dimension, Júlio Dinis' novels have achieved remarkable success that arouses the interest and taste of the readership, who identify with the characters and actions narrated.

**Keywords:** 150 years, Júlio Dinis, novels, success.